

P1MC E RESILÊNCIA: um estudo no município de Soledade-PB

Paula Gabrielly Rasia Lira¹
Eduardo Breno Nascimento Bezerra²
André de Sousa Pedrosa³
Waleska Silveira Lira⁴
Edgar Malagodi⁵

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a atuação do Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com Semi-Árido (P1MC) na Paraíba quanto à resiliência das famílias assistidas pelo mesmo. Para tanto foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo que utilizou como instrumento uma entrevista semi-estruturada, e analisou os resultados, visando à análise de conteúdo, a partir das variáveis propostas por Walsh (1998). Foram entrevistadas 10 famílias do município de Soledade. Os resultados apontam uma pequena influência do P1MC no fortalecimento da resiliência destas famílias. Todavia, o programa foi destacado pelos mesmos, como provedor de uma melhoria na qualidade de vida.

Palavras-chave: P1MC, Resiliência, Semi-Árido

ABSTRACT

This article aims to analyze the performance of the Program of Training and Social Mobilization for Coexistence in Semi-Arid (P1MC) at Paraíba state regarding the resilience of families assisted by the program. The research has a qualitative view. Were used a semi-structured interview and the results were analyzed based on the variables proposed by Walsh (1998). 10 families were interviewed in city of Soledade. The results show a small influence of P1MC in strengthening of the resilience of these families. However, the program was highlighted as a provider of a substantial improvement in quality of life.

Key-words: P1MC, Resilience, Semi-Arido

¹ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). paularasia@hotmail.com

² Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

⁴ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

⁵ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

1. INTRODUÇÃO

O semi-árido brasileiro ocupa uma parcela significativa da região nordeste do Brasil. Detentor de dados estatísticos negativos, o Semi-Árido concentra os piores indicadores sociais do país em educação, saúde, mortalidade infantil, e analfabetismo, comprometendo mais ainda o ambiente sócio-econômico e político que é marcado pela concentração de poder e renda, sobretudo na zona rural. Este cenário complexo interfere sensivelmente nas condições que norteiam a qualidade de vida da população.

Vários projetos vêm sendo elaborados com o intuito de criar alternativas que melhorem as condições do homem no semi-árido, viabilizando assim o paradigma da convivência com o semi-árido e subsidiando a inserção de tecnologias sociais como políticas públicas emergentes na região.

A própria cisterna de placas desenvolvida pelo “Programa de formação e mobilização social para a convivência com o semi-árido: Um milhão de Cisternas Rurais” (P1MC) é um exemplo claro deste ciclo de descobertas que prima pela valorização da coletividade e saber popular. Se antes, essa região era coligada a miséria e a morte e demandava políticas de combate à seca, busca-se agora desenvolver um novo enfoque, consubstanciado na viabilidade e convivência com o semi-árido.

A convivência com o semi-árido remete a resiliência, a qual se trata de um conceito que comporta um potencial valioso em termos de prevenção e promoção da saúde das populações; mas, ainda permeado de incertezas e controvérsias. Neste estudo resiliência é compreendida como “o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo este vivenciando experiências desfavoráveis.” (PESCE R. P. et al, 2005).

Neste sentido, questiona-se se tal programa - P1MC - tem contribuído para a transformação social das famílias. Desse modo, este estudo tem o objetivo de analisar a atuação do P1MC no semi-árido paraibano quanto à resiliência das famílias assistidas pelo mesmo.

Tendo em vista que o presente trabalho busca avaliar o P1MC, o qual enquanto programa de formação e mobilização social, possui como núcleo de atendimento as famílias, segundo Walsh (1995) faz-se necessário analisar os sistemas de crenças da família, assim como seus processos de comunicação e os padrões de organização da mesma.

2. PROGRAMA DE FORMAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO: UM MILHÃO DE CISTERNAS RURAIS (P1MC)

A III Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação realizada em

1993 em Recife-PE proporcionou a criação de um fórum paralelo que foi marco inicial de novas reflexões e debates sobre o semi-árido brasileiro, contribuindo decisivamente para a constituição de uma rede de entidades intitulada como ASA: Articulação no Semi-Árido Brasileiro que reuni reúne cerca de 600 organizações brasileiras.

A Articulação do Semi-árido representa um espaço de articulações políticas de um verdadeiro mosaico de entidades que compõem a sociedade civil, o qual congrega instituições religiosas, associações rurais e movimentos sindicais dos trabalhadores rurais. Esta rede de articulações objetiva propor novas percepções sobre práticas e tecnologias que viabilizem meios de convivência como o Semi-árido (ASA,2002).

Mesmo que a construção de cisternas seja o aporte principal do P1MC, seus objetivos possuem uma maior amplitude. Segundo o Projeto de Transição do P1MC (2001), o desenvolvimento de um modelo de gestão integrada participativa coadunado com as tecnologias sócias, neste caso, as cisternas de placas, representa um grande avanço na formulação de políticas públicas. Baseando-se nisso, o programa define alguns princípios que caracteriza a sinergia entre os postulados das tecnologias sócias e os preceitos defendidos pelo modelo de gestão participativa integrada, são eles:

- **Gestão compartilhada:** O programa é concebido, executado e gerido pela sociedade civil, organizada na ASA. As ações fazem parte de uma política ampla e processual, gerida pela sociedade civil.
- **Descentralização e participação:** O programa é executado através de uma articulação em rede, segundo os princípios da descentralização e participação.
- **Mobilização Social :** A natureza do programa é de educação-cidadã, mobilização social e fortalecimento institucional para a convivência com o semi-árido brasileiro.
- **Direito Social:** Afirmar os direitos da população, de acesso e gestão dos recursos hídricos.
- **Desenvolvimento Sustentável:** Afirmar a viabilidade do Semi-árido, desmistificando a fatalidade da seca.
- **Fortalecimento Social:** O Programa é uma ferramenta de fortalecimento e consolidação dos movimentos sociais.
- **Transitoriedade:** O programa busca a construção de uma nova cultura política, rompendo

com a dominação secular das elites sobre o povo, a partir do controle de água.

Na visão de Veiga (2001), uma premissa positiva do P1MC é diminuir as mediações existentes no semi-árido entre populações rurais e água através do usufruto da tecnologia social (cisternas de placas) associada a uma gestão integrada participativa, composta por unidades gestoras e comissões municipais formadas por representantes de grupos organizados da sociedade civil, evitando assim a centralização do processo decisório nas mãos de uma pequena elite.

3. O P1MC E A RESILIÊNCIA

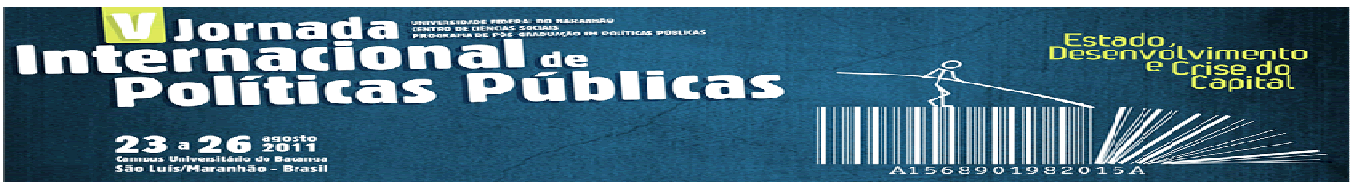
O conceito de resiliência surgiu no século XIX no campo da Física e da Engenharia. Em tais ciências este conceito é entendido como a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica. (POLLETO & KOLLER, 2008). No campo da saúde o estudo da resiliência data do início da década de 70, no século XX, mas passa ser discutido com mais afinco a partir do final da década de 90 (SOUSA & CERVENY, 2006). Este conceito surgiu a partir das discussões na literatura sobre o desenvolvimento de psicopatologias em crianças que enfrentavam longos períodos de adversidade (YUNES, 2003).

A partir destes estudos surgiram conceitos como invulnerabilidade e invencibilidade, para definir pessoas que passavam por vivências traumáticas e não desenvolviam doenças psíquicas (SOUSA & CERVENY, 2006). Posteriormente o conceito de resiliência se diferenciou dentro desta discussão, visto que “invulnerabilidade passa uma idéia de resistência absoluta ao estresse, de uma característica imutável, como se fôssemos intocáveis e sem limites para suportar o sofrimento.” (RUTTER, 1993, apud YUNES, 2003).

Neste estudo resiliência é compreendida como “o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo este vivenciando experiências desfavoráveis.” (PESCE R. P. et al, 2005).

Percebe-se que existe uma variação individual de respostas a fatores de riscos. Segundo Rutter (1985), um mesmo fator pode ser experienciado e enfrentado diferentemente por cada indivíduo. Dessa forma, percebe-se que “existem mecanismos que inibem o impacto do risco e incrementam a resiliência, que são denominados de fatores de proteção” (RUTTER,

1985, 1987 apud DE ANTONI, HOPE, MEDEIROS & KOLLER, 1999).



Para Hawley e DeHann (1996) a resiliência em família é considerada um elemento relativamente novo, e consiste num processo de adaptação e prosperidade diante de situações de risco que esta enfrenta ao longo de sua trajetória. Tais autores, ainda afirmam que a resiliência familiar ocorre de forma diferenciada em cada família, pois deve ser levada em conta a maneira como cada uma interpreta a realidade, interage com o meio e vivencia os fatores de risco e de proteção. (apud YUNES, 2003)

Walsh (1996, 1998) vem a afirmar que estudar a resiliência no contexto familiar é fazê-lo com base em processos-chaves, levando em consideração três principais domínios: sistema de crenças da família, os processos de comunicação e os padrões de organização. (apud YUNES

2003; SOUZA & CERVENY, 2006). Ainda na visão de Walsh (1998) o sistema de crenças se refere aos atributos elaborados pela família com o objetivo de dar sentido as adversidades que enfrentam, olhando positivamente cada situação e por vezes fazendo uso da espiritualidade.

Outros elementos básicos identificados na resiliência familiar são os processos de flexibilidade, coesão e mobilização da família na busca da formação de rede social, com o objetivo de alcançar soluções de maneira compartilhada para os problemas enfrentados. Tais elementos compõem o domínio do sistema de organização proposto por Walsh (1998).

Os processos de comunicação por sua vez dizem respeito a clareza na comunicação entre os membros da família e a abertura da expressão emocional destes. Para a autora tais processos dão determinantes na colaboração entre a família para a resolução de problemas.

Dessa forma, para Walsh (1998), a “Resiliência em família deve procurar implementar os processos-chave que possibilitam que as famílias não só lidem mais eficientemente com situações de crise ou estresse permanente, mas saiam delas fortalecidos, não importando se a fonte de estresse é interna ou externa à família.” (WALSH 1996, apud YUNES 2003)

Estes processos-chaves, citados anteriormente, foram elaborados pela referida autora e traduzidos por Yunes (2003), os quais subsidiam este estudo onde os mesmos foram utilizados para avaliar o programa P1MC no que concerne a propostas e ações que fortalecem a resiliência das famílias/comunidades assistidas.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste estudo foi realizada uma pesquisa com 10 famílias na área rural da cidade de Soledade, micro-região do Cariri paraibano. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou como instrumento uma entrevista semi-estruturada, e analisou os resultados, visando à análise de conteúdo, a partir das variáveis propostas por Walsh (1998, apud YUNES, 2003)

Tabela 1 – Processos-chave da resiliência em família, segundo Walsh (1998)

PROCESSOS-CHAVE DA RESILIÊNCIA SEGUNDO WALSH (1998)			
SISTEMA DE CRENÇAS	PADRÕES	DEPROCESSOS	DE
<p>Atribuir sentido à adversidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> Valorização das relações interpessoais Contextualização dos estressores 	<p>Flexibilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> Capacidade para mudanças e reformulação, reorganização e adaptação <p>Estabilidade: sentido de continuidade e rotinas</p> <p>Coesão</p> <ul style="list-style-type: none"> Apoio mútuo, colaboração e compromisso Respeito às diferenças, necessidades e limites individuais Forte liderança: prover, proteger e guiar crianças e membros vulneráveis Busca de reconciliação e reunião em casos de relacionamentos problemáticos <p>Recursos sociais e econômicos</p> <ul style="list-style-type: none"> Mobilização da família extensa e da rede de apoio social Construção de uma rede de trabalho comunitário: família trabalhando junto Construção de segurança financeira: equilíbrio entre trabalho e exigências familiares 	<p>Clareza</p> <ul style="list-style-type: none"> Mensagens claras e consistentes Esclarecimentos de informações ambíguas <p>Expressões emocionais “abertas”</p> <ul style="list-style-type: none"> Sentimentos variados são compartilhados (felicidade e dor; esperança e medo) Empatia nas relações: tolerância das diferenças Responsabilidade pelos próprios sentimentos e comportamentos, sem busca do “culpado” Interações prazerosas e bem-humoradas <p>Colaboração na solução de problemas</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificação de problemas. “Explosão de idéias” com criatividade Tomada de decisões compartilhada: negociação, reciprocidade e justiça Foco nos objetivos: dar passos concretos; aprender através dos erros Postura proativa: prevenção de problemas, resolução de crises, preparação para futuros desafios. 	
<p>como parte do ciclo de vida da família</p> <ul style="list-style-type: none"> Sentido de coerência das crises: como desafios administráveis Percepção da situação de crise: crenças facilitadoras ou constrangedoras <p>Olhar positivo</p> <ul style="list-style-type: none"> Iniciativa (ação) e perseverança Coragem e encorajamento Esperança e otimismo: confiança na superação das adversidades Confrontar o que é possível: aceitar o que não pode ser mudado <p>Transcendência e espiritualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> Valores, propostas e objetivos de vida Espiritualidade: fé, comunhão e rituais Inspiração: criatividade e visualização de novas possibilidades Transformação: aprender e crescer através das adversidades <p>Fonte: (Yunes, 2003)</p>			

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 - Caracterização da área de estudo: município de Soledade/PB

A pesquisa foi realizada na área rural do município de Soledade, localizada no cariri paraibano a 165 km da capital João Pessoa. Segundo o IBGE (2009) a população deste município é aproximadamente 13.600 habitantes.

A estação das chuvas no município ocorre entre o mês de Março e o mês de Agosto, com índice pluviométrico em média de 450 mm/por ano. A cidade se encontra localizada no Planalto da Borborema estando a 521 m acima do nível do mar. A temperatura em Soledade varia entre 22°C e 36°C.

5.2 - Sistema de Crenças

No que concerne ao domínio Sistema de Crenças foi possível, através da análise das entrevistas, verificar a presença de processos-chaves apontados por Walsh (1998). Tais como “Atribuir sentido a adversidade.”

Tal processo chave se fez presente no discurso dos entrevistados, como é possível verificar no trecho abaixo:

“Foi uma lição para a gente também. Preparar a água que chega da chuva e a gente apanha, tudo isso aí é uma lição para a gente.” (S. R.)

Tal resposta foi emitida quando o entrevistado foi questionado se o programa possibilitou uma mudança acerca do seu enfrentamento as dificuldades.

No que concerne ao processo-chave “Olhar positivo”, os entrevistados apresentaram uma postura otimista e esperançosa acerca das dificuldades enfrentadas. Tal postura também se mostrou favorável ao programa e as melhorias que o mesmo promoveu na comunidade, como é possível perceber nos trechos abaixo.

“Porque a gente não tinha água né? Assim, suficiente pra beber, pra cozinhar, pra... Suficiente, assim, dentro de casa né? Não tinha. Graças a Deus depois dessa cisterna não faltou água mais nunca.” (F.)

“Realmente, essa casa aqui precisa de uma cisterna a mais, mas as minhas condições não ta dando para construir uma, se tivesse mais condição fazia outra. E quanto mais vaca mais bezerro né?” (S. R.)

Percebe-se que o processo-chave “Transcendência e Espiritualidade” também esteve presente nas entrevistas analisadas. Através de apontamentos que expressavam espiritualidade, valores e objetivos de vida, assim como a transformação de atitude frente à utilização da água, que foi aprendido através das adversidades.

“Porque tem que saber usar a água, ou seja, gastar na medida. A água é uma coisa sagrada”.(J. B.)

“Acho que na região que a gente vive quanto mais é que a gente fizer racionamento de água é melhor. Porque água tem fim.”(S. R.)

“É importante. Por que se não economizar, a água se acaba, sem água é difícil a gente viver sem água.”(S. G.)

5.3 - Padrões de Organização

No que concerne ao domínio Padrões de Organização, a flexibilidade, um de seus processos-chaves foi identificada em uma das famílias entrevistadas.

“Do jeito que Deus quer né... Água onde tivesse o caba pegava. Aqui foi o canto melhor que vim morar foi aqui, que eu já morei em muitos cantos. Nesse Cardeiro ali, graças a Deus, nunca faltou água.” (M.)

Já o processo-chave Coesão, que faz referência a apoio mútuo, colaboração e compromisso entre a família e também na comunidade foi verificado em diversas famílias em correlação com o outro processo-chave do mesmo domínio, Recursos Sociais e Econômicos. Como pode ser visto nos trechos abaixo:

“É que toda a semana meu esposa tinha que ir atrás, num sabe. Ou de um vizinho ou conhecido que tem cisterna, pra ceder uma lata da água, depois ia pra rua pra comprar um garrafão da água. E com a cisterna não precisa mais disso.” (E. S.)

“Entrevistador - Ai vocês dois participam nessas atividades?”

Entrevistado - Todos dois, e o filho que trabalha fora, mas vem e ajuda, trabalha também.” (F.)

“Quando tiver as cabritinha grande eu levo pras terras lá em baixo, de meu sogro, por que aqui é pequeno, não dá pra criar.” (S. G.)

5.4 - Processos de Comunicação

No que diz respeito ao domínio Processos de Comunicação, percebemos no discurso dos entrevistados uma forte presença do processo chave “expressões emocionais abertas” visto que tais entrevistados compartilharam diversas emoções que estes vivenciavam como se verifica nas falas que se seguem:

“A gente tinha que aceitar e ter paciência, é o jeito.” (E.)

“Teve uma época que eu tava nessa reunião e eu tava com um filho hospitalizado no hospital. Tinha sofrido um tiro pelas costas. Ainda hoje ninguém sabe quem foi que atirou entendeu? Ai eu assisti a reunião... Mas não tava com cabeça para gravar não sabe?”(M.)

“Antes a gente ficava com medo de pegar água na BR por causa dos acidentes, era perigoso demais, agora agente não precisa mais porque tira água da cisterna, o cabra não se arrisca mais” (M. A.)

Outro processo chave verificado refere-se a “colaboração na solução de problemas”, no qual foi possível perceber que os entrevistados demonstravam uma postura proativa frente a resolução de crises e a preparação para futuros desafios.

Isso pode ser verificado nos fragmentos abaixo quando as famílias foram questionadas acerca da necessidade de aumento das formas de captação de água. Tal postura também foi identificada nos questionamentos sobre a luta pelos seus direitos.

“Sim, porque aumenta mais a quantidade de água”. (M. A.)

“Fazer a casa maior para aumentar a captação de água”. (M. A.)

“Sim. Tendo informações a gente corre atrás né”. (R. F.)

Percebe-se então a presença dos processos chaves elencados por Walsh (1996) nas entrevistas realizadas com as famílias na cidade de Soledade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados é possível perceber que as famílias da cidade de Soledade apresentaram alguns dos processos chaves da resiliência proposta por Walsh (1998). Quanto ao Sistema de Crenças, constatou-se a presença de um olhar positivo sobre a situação, de uma conseqüente atribuição de sentido à adversidade e da presença de aspectos que apontam para uma transcendência e espiritualidade. No que se refere aos Padrões de Organização verificou-se o processo da flexibilidade das famílias, no que tange aos recursos disponíveis das mesmas, assim como uma íntima relação entre um sistema de coesão (colaboração e apoio mútuo) e os recursos sociais e econômicos. E por fim, no que concerne ao sistema de comunicação, foi possível verificar-se nas famílias a presença de expressões emocionais abertas, assim como a colaboração na solução de problemas.

Apesar dos resultados positivos acerca da resiliência das famílias assistidas pelo programa, não se verifica uma forte influência do mesmo no fortalecimento da resiliência destas famílias. Todavia, o P1MC foi destacado pelas famílias como provedor de uma importante melhoria na qualidade de vida, visto que os mesmos acreditam que a construção da cisterna pode minimizar os problemas resultantes da seca.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

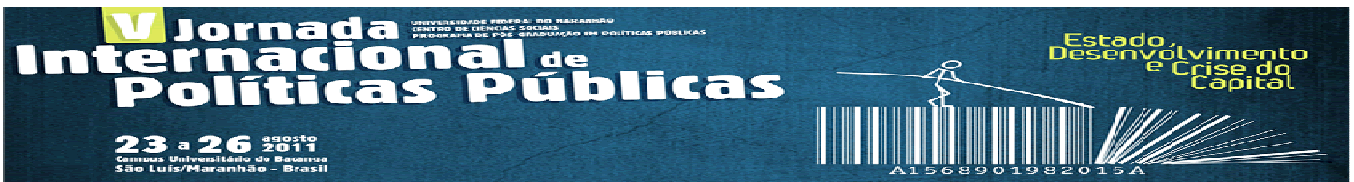
ASA - Articulação do Semi-Árido. **Programa de Formação Social e Mobilização para a Convivência com o Semi-Árido: Um Milhão de Cisternas Rurais – P1MC.** Recife. 2ª. Ed. 2002.

CARVALHO, Horácio Martins de. (1985). **Tecnologias socialmente apropriadas: muito além da questão semântica.** In: *Revista Brasileira de Tecnologia - RBT*, CNPq, Brasília, Vol. 16, nº 3, maio/junho de 1985, p. 32-45.

DE ANTONI, C., HOPPE, M. W., Medeiros, F. & Koller, S. H. **Uma família em situação de risco: Resiliência e vulnerabilidade.** *Revista de Psicologia*, 2(1), 81-85, 1999.

KOLLER, S. H. & POLETTI, M. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção.** *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416, 2008.

MIRANDA, A. L. **Da natureza da tecnologia: uma análise filosófica sobre as**



dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna. 2002 pp. 161 (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR).

PESCE, R. P. et al. **Risco e Proteção: Em Busca de Um Equilíbrio Promotor de Resiliência.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Vol. 20 n. 2, pp. 135-143, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) 2005a. **Produzir para viver.** Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (2ª. Edição) – (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; volume 2).

SANTOS, Fernando Luiz Motta dos. (1995). **Nem sempre o novo é o mais adequado** . In: Revista Rumos do Desenvolvimento. ABDE, Ano 19, nº 113, maio/junho de 1995, pp. 32-34.

SAPIENZA, G; PEDROMÔNICO, M. R. M. **Risco, Proteção e Resiliência no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente.** Psicologia em Estudo, Vol.10, n. 2, p. 209-216, 2005.

SOUZA, M. T. S. & CERVANY, C . M. de O. **Resiliência Psicológica: Revisão da Literatura e Análise da Produção Científica.** Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology, Vol. 40, Num. 1 pp. 119-126, 2006.

VEIGA, J.E. da. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento.** Brasília, NEAD, 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família.** Psicologia em Estudo, Maringá,v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003